

PENSANDO COM A IMAGEM

O USO DA IMAGEM NA PESQUISA

Luciana Bessa Diniz de Menezes

Quem nunca ouviu falar da expressão “uma imagem vale mais que mil palavras”? Se você acha que é exagero, veja essa seleção de fotos. Por meio da imagem, o homem pôde ver com outros olhos a guerra, a fome, as maiores realizações e desastres do mundo. Imagens têm sido meios de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, muito antes do aparecimento da palavra escrita. Obras de arte como a pintura *Guernica*, do espanhol Pablo Picasso (1881-1973), são capazes de narrar acontecimentos.



No contexto da pesquisa, também está se tornando cada vez mais comum a utilização de vídeo e de fotografia como recursos metodológicos. E isso demanda reflexões sobre a produção e interpretação de imagens. Os clássicos métodos de coleta de dados, como o caderno de campo e a própria memória, carecem de detalhes que a imagem consegue capturar e eternizar. O vídeo e a fotografia estão modificando o processo de pesquisa, pois os elementos

constituintes do fenômeno analisado podem agora ser vistos, revistos e até mesmo compartilhados com aqueles que são observados, permitindo uma análise crítica daquilo que foi registrado.

O uso de vídeo e da fotografia pode surpreender até mesmo o pesquisador, revelando interações que muitas vezes se perdem quando ele se preocupa em estar registrando no caderno de campo as ocorrências que vê. Enquanto seus olhos focalizam uma cena, todo o movimento que ocorre à sua volta passa despercebido. No entanto, com os recursos tecnológicos, essas informações são mais facilmente capturadas e revelam ou evidenciam importantes momentos de relações interpessoais, expressões corporais, faciais, gestos, movimentos e até mesmo tenuidades de comportamentos e de sentimentos que podem dar novo rumo à pesquisa.

Para o famoso cineasta Pier-Paolo Pasolini, que usou com requinte os recursos visuais em suas obras, a imagem é capaz de exercitar no homem um outro modo de olhar e prestar atenção ao mundo que o rodeia.

Nada como fazer um filme obriga a olhar as coisas. O olhar de um literato sobre uma paisagem, campestre ou urbana, pode excluir uma infinidade de coisas, recortando do conjunto só as que emocionam ou lhe servem. O olhar de um cineasta – sobre a mesma paisagem – não pode deixar, pelo contrário, de tomar consciência de todas as coisas que ali se encontram, enumerando-as. De fato, enquanto para o literato as coisas estão destinadas a se tornar palavras, isto é, símbolos, na expressão de um cineasta as coisas continuam sendo coisas: os “signos” do sistema verbal são, portanto, simbólicos e convencionais, ao passo que os “signos” do sistema cinematográfico são efetivamente as próprias coisas, na sua materialidade e na sua realidade. É verdade que essas coisas se tornam “signos”, mas são “signos”, por assim dizer, vivos, de si próprias. (PASOLINI, 1990, p. 128).



Para o pesquisador, a imagem pode auxiliar na transcrição e interpretação da realidade, captando as sutilezas imperceptíveis a olho nu. Pela mediação do olho “mecânico”, ele orienta a observação e a descrição da cena, constituindo uma nova relação com aquilo que vê. A câmera é sempre subjetiva, embora a sua lente tenha o nome de objetiva. Ela evidencia o olhar do pesquisador. A opção de ângulos, o tipo de plano, a iluminação usada contribuem para conferir valores às imagens. Durante o tratamento, na seleção e combinação de cenas, realiza-se uma escolha e produz-se sentido com isso.

A imagem capta apenas um fragmento do real. O que ela perde na sua relação com o mundo, ganha em intensidade. Ao mesmo tempo que imobiliza e aprisiona o momento, também amplia aquele recorte. No entanto, o pesquisador sabe que a realidade não se esgota naquilo que é imediatamente oferecido ao olhar. Daí a importância da contextualização. O uso da imagem na pesquisa permite algo para além da ilustração dos acontecimentos cotidianos. Ela faz uma *re-leitura* daquilo que se está observando.

REFERÊNCIAS

– PASOLINI, P.P. *Os jovens infelizes*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

sobre o(a) autor(a):

Luciana Bessa Diniz de Menezes é Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É também jornalista e professora da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro.